

ANIMALIDADES E OUTRAS BOTÂNICAS CICLO DE EXPOSIÇÕES

O ciclo “Animalidades e outras botânicas” pretende trazer para o primeiro plano uma reflexão sobre a forma como a arte tem vindo a criar novos espaços para o encontro entre as espécies, nessa tentativa de aproximar natureza e cultura, incluindo-se nesta proposta, entre outras, as ideias de Donna Haraway, Timothy Morton, Bruno Latour, Paul B. Preciado, Edward Osborne Wilson, Henry David Thoreau, e os poetas W.S. Merwin e Gary Snyder e a sua 'ecologia profunda'. Este último, no prefácio ao seu livro “A prática da natureza selvagem” (edição portuguesa, Antígona, 2018), escreve: “O mundo selvagem—frequentemente depreciado como caótico e brutal pelos pensadores ‘civilizados’—é na verdade imparcialmente, implacavelmente, belamente formal e livre. A sua expressão—a riqueza da vida animal e vegetal no globo, que inclui as tempestades, os vendavais, as calmas manhãs de Primavera, e nós próprios—é o mundo real, a que todos pertencemos.”

ANIMALITIES AND OTHER BOTANIES CYCLE OF EXHIBITIONS

The cycle “Animalities and other botanies” aims to bring to the forefront a reflection on how art has been creating new spaces for the discussion, for the dialogue between nature and culture, for the encounter between species, including in this proposal, among others, the ideas of Donna Haraway, Timothy Morton, Bruno Latour, Paul B. Preciado, Edward Osborne Wilson, Henry David Thoreau, and the poets W.S. Merwin and Gary Snyder and his “deep ecology”, who wrote in his book *The Practice of the Wild*: “Thoreau says ‘give me a wildness no civilization can endure’. That’s clearly not difficult to find. It is harder to imagine a civilization that wildness can endure, yet this is just what we must try to do. Wildness is not just the ‘preservation of the world’, it is the world. Civilizations east and west have long been on a collision course with wild nature, and now the developed nations in particular have the witless power to destroy not only individual creatures but whole species, whole processes, of the earth. We need a civilization that can live fully and creatively together with wildness.”

Nº1 SEBASTIÃO RESENDE: QUANDO SE EXTINGUIRAM O ESPAÇO FICOU VAZIO

9 MAR—15 ABR 2019
CASA DAS ARTES

CURADORIA / CURATED BY:
ÓSCAR FARIA

ORGANIZAÇÃO/ORGANIZATION:
SISMÓGRAFO

INAUGURAÇÃO/OPENING:
SÁB/SAT 9 MAR 15:00
VISITA GUIADA E CONVERSA
/GUIDED TOUR AND TALK:
DOM/SUN 14 ABR, 16:00

RUA RUBEN A, 210
TER-SEX 10:00-12:30
/14:30-18:30
SÁB 14:30-20:00
DOM 14:30-18:30
QUI ATÉ ÀS 23:00



casa das artes



Em parceria com a Galeria da Biodiversidade—
Museu de História Natural e da Ciência da
Universidade do Porto / In partnership with
the Gallery of Biodiversity—Museum of Natural
History and Science of the University of Porto



1

2

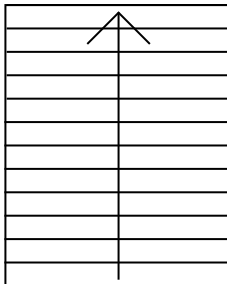
3

4

5

6

7



8

9

10

11

was projected by Eduardo Souto Moura. These works by Sebastião Resende may be understood as hybrid objects, mutants, that summon up not only several arts—sculpture, painting, architecture—, but also a series of reflections related either with the museum’s ruin or with the extinction of species, thus forming a chiasm, an intersection of terms that put us before the current cultural and environmental crisis, the two sides of the same coin.

The first model, publicly presented in 2014, was the model of Serralves Museum of Contemporary Art, in Porto. The utopian idea of the museological space as repository of works, which prolong their existence in confrontation with the public, fostering his critical abilities, has been progressively abandoned in favor of another perspective, particularly the one associated with creative industries and economic policies. Even then, five years ago, when we looked at the result of the passage of the silkworm through Sebastião Resende’s object, we couldn’t fail to see it as a tomb with the traces of its inhabitants, with the remains of a disaster: ecological, cultural, political.

The idea of “ruin” grew strong in the remaining models, built in the meantime. Besides, now, when we see them together, the models appear as a kind of spaceship, one that carries with it the desire for a radical mutation of the present state of planet earth. Therefore, in these mazes built in cardboard and tape there is a will to find an exit, here or in another constellation, where species and arts are to be defended from those who only see profit before their eyes. Domesticated silkworms demand to return to wildness, to their savage nature, for, when they are raised under sericulture, the larvae meet their death inside their cocoons without completing metamorphosis, without ever becoming butterflies.

A series of drawings completes the exhibition “When they were extinguished the space became empty”—a title that paraphrases a poem by José Tolentino Mendonça—, seeking, in this case, the preservation of memory, the evocation of those moments that marked the work process: from the larvae that died before concluding their transformation process to the remnants of mulberry leaves after they have been eaten by the silkworm.

A ideia de ruína ganhou força nas restantes maquetas entretanto realizadas. Para além disso, agora, vistas em conjunto, elas surgem aos nossos olhos como uma espécie de naves espaciais, naves que transportam consigo o desejo de uma mutação radical do actual estado do planeta Terra. Há assim, nestes labirintos erguidos em cartão e fita, a vontade de encontrar uma saída, seja aqui, seja numa outra constelação, em que as espécies e as artes sejam defendidas de quem permanentemente apenas vê o lucro diante dos seus olhos. Os domesticados bichos-da-seda exigem regressar à sua natureza selvagem, até porque, quando são criados no âmbito da sericultura, as larvas morrem dentro dos seus casulos, sem nunca se completar a metamorfose, sem nunca chegarem a mariposas.

Uma série de desenhos completa a exposição “Quando se extinguiram o espaço ficou vazio”—título que parafraseia um poema de José Tolentino Mendonça—, tratando-se, neste caso, da preservação da memória, da evocação dos momentos que marcaram o processo de trabalho: desde larvas que morreram antes de terem concluído o seu processo de transformação, até aos resquícios das folhas de amoreira depois de terem sido comidas pelo bicho-da-seda.

METAPHORS OF EXTINCTION

ÓSCAR FARIA

There is nothing better than an exhibition whose main characters are silkworms and white mulberry leaves to open a cycle entitled “Animalities and other botanies”. Considering that silkworms can´t survive without mulberry leaves, a dependence relationship between the animal and the tree is created. It is believed that this situation was artificially created by man, a domestication through which he obtains a fine and valuable thread, that has been for centuries protagonist of several routes between the east and the west.

In the present case, this history has another derivation, for this is a project by Sebastião Resende, launched in 2004, that has now come to an end. The artist has decided to build a series of models of museological spaces and made them the home of silkworms. This was the way chosen to follow all the process of reproduction and metamorphosis of the egg into cocoon, of the worm up until the moth, *bombyx mori*, in other words, the mulberry silkworm.

It was a long process from which resulted a vast series of works that, in addition to the models, includes photographs, videos, sound works, drawings and also the publication “Fecit Potentiam”, by which we tried to continue with the first public presentation of the project, at Sismógrafo, Porto, in 2014. The silkworm cycle occurs over a period of a month and a half. Unable to fly, the life of *bombyx mori*, that while moth fails to feed herself, seeking only to lay eggs in order to ensure the survival of the species, is a short one.

At Casa das Artes, we decided to present all models carried out in the scope of this project, nine in total, a decision in which interfered the fact that this space

1
Neste nosso lugar
—MACNadirA—ASiza
61 x 223 x 6,5 cm
Cartão, tinta, vestígios e acidentes / Cardboard, paint, traces and accidents
2016

2
Neste nosso lugar
—MSoumaya—FRomero
190 x 142 x 7 cm
Cartão, tinta, casulos de seda, mariposa / Cardboard, paint, silk cocoons, butterfly
2017

3
Neste nosso lugar
—MJBerlim—DLibeskind
79 x 212 x 6 cm
Cartão, casulos de seda / Cardboard, silk cocoons
2011

4
Neste nosso lugar
—MACSerralves—ASiza
210 x 77 x 6 cm
Cartão, casulos de seda / Cardboard, silk cocoons
2007/2008

5
Neste nosso lugar
—NAtkinsM—SHoll
275 x 59 x 6,5 cm
Cartão, tinta, vestígios e acidentes / Cartão, tinta, vestígios e acidentes
2013

6
Neste nosso lugar
—CCGaliza—PEisenman
70 x 217 x 6 cm
Cartão, tinta, vestígios e acidentes / Cardboard, paint, traces and accidents
2015

7
(da esquerda para a direita / from left to right)
Larvas, Folhas de Amoreiras I, Casulo, Folhas de Amoreira II
65 x 50 cm (cada)
Tinta da china e acrílico sobre papel / Indian ink and acrylic on paper
2018

8
Limbo I, II, III
50 x 65 cm (cada/each)
Tinta da china e acrílico sobre papel / Indian ink and acrylic on paper
2018

9
Neste nosso lugar
—MACNiterói—ONiemeyer
141,5 x 141,5 x 7 cm
Cartão, tinta, casulos de seda, mariposas, vestígios e acidentes / Cardboard, paint, silk cocoons, butterflies, traces and accidents
2016

10
Neste nosso lugar
—CHistóriasPR—ESMoura
134,5 x 99 x 7 cm
Cartão, casulos de seda / Cardboard, silk cocoons
2015

11
Neste nosso lugar
—CGalegoAC—ASiza
205 x 105 x 7 cm
Cartão, casulos de seda, vestígios e acidentes / Cardboard, paint, silk cocoons, traces and accidents
2010

SEBASTIÃO RESENDE

Tem estado activo em diversos media desde 1976, nomeadamente em escultura, fotografia, desenho, pintura e edição serigráfica, tendo recebido alguns prémios em contexto nacional e internacional, entre os quais, mais recentemente o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso (2017). Realizou 27 exposições individuais de que se mencionam as mais recentes: “Sobre a Terra Fendida Uma Chama”, Museu da Guarda (2018); “Neste Ninho de Vespas”, Sismógrafo, Porto (2017); “Fecit Potentiam”, Sismógrafo, Porto (2014); “Sem Retorno”, Museu da Luz, Mourão (2012); “The Lying Chair”, Galeria Quadrado Azul, Lisboa (2012); “Naufrágio Pluma”, Galeria Quadrado Azul, Porto (2009); “Tem nos Olhos o Tempo Simultâneo”, O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo (2007); “Sem Título Tranquilo III”, Galeria Quadrado Azul, Porto (2003). O seu trabalho está representado em algumas colecções nacionais e internacionais, privadas e institucionais.

Has been active in different mediums since 1976, namely in sculpture, photography, drawing painting and silkscreen, having received several prizes in the national and international context, being the most recent the Amadeo de Souza-Cardoso Prize (2017). He has presented 27 solo exhibitions, being the most recent ones: “Sobre a Terra Fendida Uma Chama”, Museu da Guarda (2018); “Neste Ninho de Vespas”, Sismógrafo, Porto (2017); “Fecit Potentiam”, Sismógrafo, Porto (2014); “Sem Retorno”, Museu da Luz, Mourão (2012); “The Lying Chair”, Galeria Quadrado Azul, Lisboa (2012); “Naufrágio Pluma”, Galeria Quadrado Azul, Porto (2009); “Tem nos Olhos o Tempo Simultâneo”, O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo (2007); “Sem Título Tranquilo III”, Galeria Quadrado Azul, Porto (2003). His work is represented in some national and international collections, private and institutional.

METÁFORAS DA EXTINÇÃO ÓSCAR FARIA

Para inaugurar um ciclo intitulado “Animalidades e outras botânicas” nada melhor do que uma exposição cujas personagens principais são o bicho-da-seda e a folha da amoreira branca, pois o primeiro não sobrevive sem a segunda, criando-se assim uma relação de dependências entre o animal e a árvore. Crê-se mesmo que esta situação foi artificialmente criada pelo homem, uma domesticação através da qual se consegue obter um precioso fio, protagonista durante séculos de várias rotas entre o oriente e o ocidente.

Neste caso, esta história tem uma outra derivação, pois trata-se de um projecto de Sebastião Resende, iniciado em 2004, agora concluído. O artista decidiu construir uma série de maquetas de espaços museológicos e fê-las habitar pelo bicho-da-seda. Essa foi a forma escolhida para seguir todo o processo de reprodução e transformação do ovo em casulo, da larva até ao eclodir da mariposa, a *bombyx mori*, ou seja, bicho-da-seda da amoreira.

O processo foi longo e resultou numa vasta série de trabalhos que, para além das maquetas, inclui fotografias, vídeos, trabalhos sonoros, desenhos e ainda a publicação “Fecit Potentiam”, através da qual se procurou dar continuidade à primeira apresentação pública do projecto, que teve lugar no Sismógrafo, no Porto, em 2014. O ciclo do bicho-da-seda ocorre sensivelmente num espaço de um mês e meio. Sem capacidade de voar, e enquanto mariposa deixando de se alimentar, procurando apenas pôr ovos de modo a assegurar a sobrevivência da espécie, a vida da *bombyx mori* é breve.

Na Casa das Artes, decidimo-nos pela apresentação de todas as maquetas realizadas no âmbito deste projecto, nove na totalidade, uma decisão para a qual pesou o facto deste espaço ter sido desenhado por Eduardo Souto Moura. Estes trabalhos de Sebastião Resende podem ser interpretados como objectos híbridos, mutantes, que convocam não só várias artes—escultura, pintura, arquitectura—, mas também uma série de reflexões relacionadas quer com a ruína do museu, quer com a extinção das espécies, formando assim um quiasmo, um cruzamento de termos que nos coloca perante a crise actual, cultural e ambiental, duas faces da mesma moeda.

A primeira maqueta, apresentada publicamente em 2014, foi a do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto. A ideia utópica do espaço museológico como repositório de obras, que aí prolongam a sua existência no confronto com o público, formando nesse público um espírito crítico, tem vindo a ser progressivamente abandonada em favor de uma outra perspectiva, sobretudo associada às indústrias criativas e às políticas económicas. Já então, há cinco anos, quando olhávamos para o objecto de Sebastião Resende, para o resultado da passagem do bicho-da-seda por ele, não podíamos deixar de ver um túmulo com os vestígios dos seus habitantes, com os despojos de um qualquer desastre: ecológico, cultural, político...